

PEIXOTO, José Luís (2013), *Livro*, Lisboa, Quetzal Editores.

## Um olhar sobre a emigração portuguesa no século XX

**Ana Freitas**

Escola Superior de Educação- Instituto Politécnico de Bragança

[paifr@hotmail.com](mailto:paifr@hotmail.com)

Primeiramente, o título *Livro* de José Luís Peixoto revelou-se, no decorrer da leitura da obra, algo de extraordinário pois no início não cativou grandemente o nosso interesse, sendo associado a um mero objeto, embora com algum significado e simbolismo. Desde a leitura das primeiras páginas, estranhámos o facto de este ser deixado nas mãos de uma mera criança antes de a sua mãe emigrar. “A mãe pousou o livro nas mãos do filho.” (Peixoto, 2013, p.11). Nesta primeira parte, é retratada a emigração portuguesa para França, nos anos 60 e 70 do século passado, que o autor caracteriza através de inúmeras personagens e do espaço e tempo das ações que se desenrolam ao longo da narrativa. Constatámos que a maioria das personagens não tinha a noção do que era o país :França, isto é, viam-no como um “Porto Seguro”, sendo uma terra de novas oportunidades e de mudanças de vidas.

Já na segunda parte da obra, comprovámos que o significado de *Livro* mudou completamente, uma vez que o autor revela a sua própria entidade ao autointitular-se: “Livro” e, também, divulga a história dos seus pais, desde a sua emigração até ao regresso a Portugal.

A obra divide-se, portanto, em duas partes muito distintas, o que inicialmente pode causar estranheza e alguma confusão na mente do leitor. O primeiro impacto que temos é que houve uma troca de narradores, ou seja, na primeira parte são narrados vários episódios de emigração sempre de uma forma muito realista, por um narrador heterodiegético e, na segunda parte, o narrador revela-se autodiegético ao descrever as suas vivências, tais como a emigração que ele acompanhou. O facto de ele ter vivido em França e de se ter acostumado àquela cultura, condicionou a escrita do próprio narrador/personagem, descrevendo aspetos da cidade (Paris) e adotando alguns termos “aportuguesados”, como por exemplo “vacanças” e ”auto-rutas” (Peixoto, 2013, p. 232). Estes aspetos revelam um cruzamento de culturas, visto que não são termos portugueses, resultando de uma “apropriação” e “adaptação” de palavras francesas.

Esta obra não tem um estilo literário definido, sendo considerada uma obra híbrida, na medida em que predominam aspetos profundamente realistas, pois são narrados episódios reais de emigração, descrevendo algumas situações vividas no meio rural português, bem como a partida de algumas personagens para a França. Além disso, está presente a subjetividade do

narrador em muitos momentos da narrativa e apresenta também um cariz de romance histórico, pois o autor refere-se detalhadamente à época histórica que serve de cenário à ação (época da emigração dos anos 40 a 60 do século passado).

A escrita de José Luís Peixoto é nitidamente realista, pois este retrata e observa tudo o que se vai desenrolando na sociedade; e, para além disso, enumera vários aspetos importantes, fazendo descrições pormenorizadas através das ações de cada personagem, levando, assim, o leitor a viajar no tempo e a perceber a maneira de ser e agir das personagens.

Consideramos que a linguagem utilizada é um dos aspetos mais marcantes da obra. "Quando o Cosme falou dela, esperto, começou logo a coçar-se. Tem um belo quadril. Mas é mesmo boa? É boa, é gorda. Tem uns refegos aqui na barriga" (Peixoto, 2013, p. 31). Este tipo de linguagem cativa porque mistura os sentimentos com o quotidiano das personagens fazendo com que se criem imagens mentais que nos ajudam a perceber as mensagens que o autor pretende transmitir ao longo da obra.

A obra narra também a história de uma família de uma aldeia do interior do país, que nunca é identificada, nos anos 60/70, no período salazarista.

Através da descrição das personagens que habitavam naquela região, são visíveis as dificuldades económicas que a maioria sentia, no entanto, temos um exemplo de uma personagem, Dona Milú, que representa a classe média/alta. Encontramos alguma subjetividade por parte do autor, visto que adapta o seu vocabulário às diferentes personagens que recria ao longo da narração.

Na nossa opinião, este livro tem o poder de “prender” cada pessoa que o lê de formas diferentes, pois temos diferentes maneiras de pensar e de ver o mundo. Relativamente à forma como o autor descreve as personagens e os cenários conduz-nos a um universo imaginário, mas possível, podendo o leitor fruir o texto. O autor, ao referir-se às suas origens, quer transmitir-nos a verdadeira realidade para que a possamos ler “com outros olhos”. O facto de termos a noção que ocorreu uma troca da identidade do narrador no desenrolar da narrativa foi enriquecedor, pois captou a nossa atenção e prendeu-nos ainda mais ao texto.

Entendemos que podemos estabelecer algum paralelismo entre esta obra e a obra cinematográfica “A Gaiola Dourada”, do lusodescendente Ruben Alves, tendo em conta que ambos retratam, de modo exímio, a emigração para França nos anos 60 e 70 do século XX.

### Referências:

PEIXOTO, José Luís (2013). *Livro*. Lisboa: Quetzal.